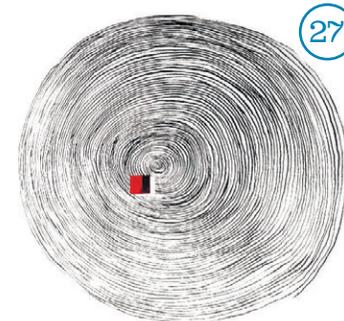


# // CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO



## AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

### ASSOCIADO CONVIDADO



POR

**Isabel Ponce de Leão**

Prof. catedrática FCHS-UEF

## Camões descentralizado

Em 1928, José Régio delineava um dos muitos retratos imprecisos mas impressionantes de Camões: nasceu em Portugal, naturalmente, que importa onde? Sabe-se, sim, que “Partiu para as Índias. Andou por climas remotos. Tomou parte em guerras”. Sabe-se ainda do “seu longo, íntimo e ávido contacto com a Vida” e que o seu nome ficou “na bôca de todos os Poetas de qualquer canto da terra; e na bôca de todos os homens”, pois que “o mar entrou por ele dentro – e coube”. Como não pensá-lo um ser descentralizado independente de poderes decisórios concentrados?

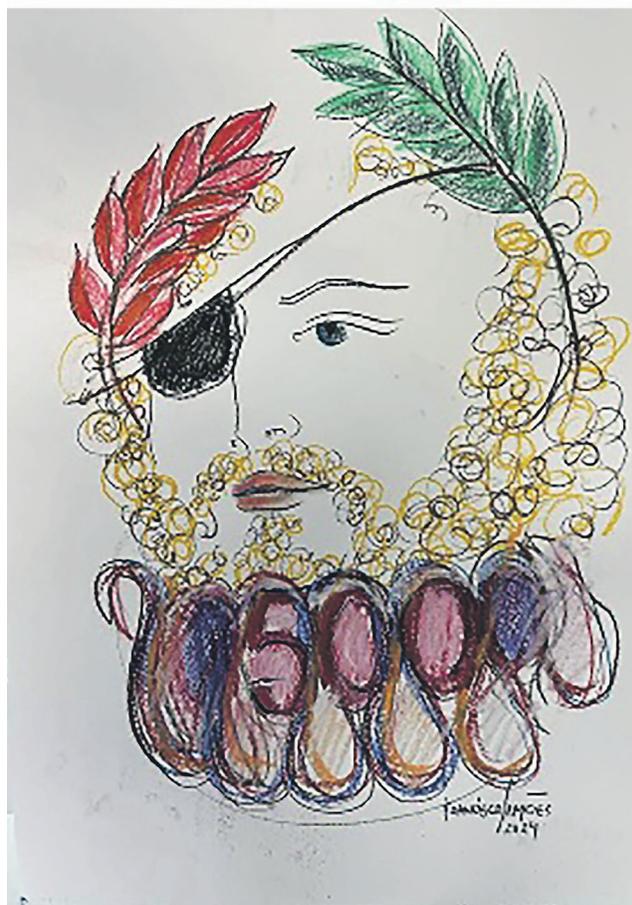
Sendo o primeiro escritor do Ocidente que, passando o equador, demandou e viveu no hemisfério sul, aí contactando com diferentes gentes e culturas, não postergou o local dinâmico, em constante transformação, acalentando um processo de construção sem definição de linhas intrínsecas ou extrínsecas. Por tal, abrange não só uma geografia, como a sua modulação pelas relações sociais e práticas quotidianas e pelos factos históricos, políticos, económicos e culturais. E Régio continua: “Nasceu em Portugal. Era português. Quis vir morrer a Portugal”. E era-o com convicção.

Lembro o discurso de Gama ao rei de Melinde falando-lhe da terra pátria: “Eis aqui, quase cume da cabeça / De Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa / E onde Febo repousa no Oceano”, e acrescenta, orgulhosamente: “Esta é a dítosa pátria minha amada”, num rasgo de topofilia indiscriminada e abrangente de vínculos emocionais entre o ser e o lugar. Na obra do insigne quinhentista, essa relação com o espaço geográfico e cultural descentralizado é profundamente explorada, e reflete não só um sentido de pertença, como a demanda do significado identitário. Daí, a renhida competição pela naturalidade do Poeta se manter viva. Nigrán, na Galiza, aponta-se como espaço genésico da sua família; Coimbra reclama-o alegando parentalidades e vivências de juventude; Alenquer assenta a sua reivindicação no soneto CXC: “Criou-me Portugal na verde e cara / Pátria minha Alenquer”; o Porto argumenta com a Carta I em que Camões afirma: “já não me livrará privilégio de cidadão do Porto”; Lisboa assume-o como seu.

Outros, muitos outros locais se reivindicam, pelo menos, como ponto de passagem do Poeta – Vilar de Nantes, Constância, Santarém –, prova cabal da topofilia que se desprende da sua obra lírica, épica, dramática e epistolográfica em que os valores cívicos e culturais reiteram a robustez de uma identidade coletiva reforçada por projetos autonómicos dispersos não num, mas nos múltiplos lugares “de onde”.

Decorre, do acima referido, considerar Camões um ser descentralizado, pois reflete a interconexão entre as dinâmicas centrais e as realidades locais, assim criando sinergias construtoras de novas formas de expressão cultural moldadas por influências globais, centrais e locais. Assim se aliam “empíria” e “episteme” erigindo e caucionando um regionalismo descentralizador que conecta o fazer mais básico com o de maior complexidade sociotecnológica nas esferas económica, cultural, política e ambiental.

“Os Lusíadas” são a primeira obra da literatura europeia a olhar para uma nova versão do Outro, assim desafiando o sistema tradicional de governação decisório em níveis centralizados. Camões, e considerando a era protoglobal em que lhe coube viver, respeitando embora um poder mais centralizado, esteve tão atento às especificidades da “grande máquina do Mundo” quanto aos microcosmos do seu torrão natal – o rio Alenquer, o Mondego de Coimbra ou o Zêzere de Constância. Ele e a Pátria, de que pressagiu a morte, resistem em qualquer lugar, longe da “corte” que, assazmente, os despezou.



Camões é um ser descentralizado, de influências globais, centrais e locais. Culturalmente, é o contrário do centralismo. (Desenho do pintor Francisco Simões, 2024, nos 500 anos do nascimento de Camões)